

EDUCAÇÃO E RAÇA: Assumindo a Polêmica

Francisca Nascimento*

resumo

O presente artigo é uma reflexão sobre as diversas formas como a discriminação racial é reproduzida na escola, bem como as conseqüências negativas dessa discriminação para a formação da identidade e o desenvolvimento intelectual das crianças negras. Procura ainda destacar a necessidade de uma escola mais crítica e democrática que seja mais compatível com o caráter pluriétnico da sociedade brasileira.

abstract

The present article is a reflection on diverse the forms of reproduction of the racial discrimination in the school, as well as the minus consequences of this discrimination for the formation of identity and the intellectual development of the black children. Seek still to detach the necessity of a more compatible and democratic school with the pluriétnico character of the Brazilian society

Para compreendermos a história do Brasil faz-se necessário conhecermos a história dos três seguimentos étnico-raciais que formam este país: negros, índios e brancos; assim como suas particularidades culturais e as relações sócio-políticas que se desenvolveram, ao longo dos séculos, entre estes.

Lamentavelmente, a escola tem se preocupado em repassar exclusivamente a história da raça branca, numa visão épica, heróica e acrítica, deixando no obscurantismo a história dos demais povos, ou seja, negros e índios. Referindo-se a esta questão o Professor Henrique Cunha diz que, "*as diferenças de Informação sobre a África e a Europa resultam num esforço de idéias racistas... resultam na desinformação sobre um e no excesso sobre o outro e alimentam os preconceitos de que uma civilização é mais importante que a outra*" (1998: 23).

É necessário compreender também que a construção desse nosso país continental não se embasou em princípios igualitários nem numa convivência fraterna (como tentam nos passar com o discurso do ordeirismo do povo brasileiro), mas a partir de idéias expansionistas e dominadoras do branco europeu, que provocaram um rastro de violência e exploração étnica, econômica e cultural negro.

Por mais de três séculos de regime escravista, "*todos os direitos humanos foram negados aos negros e negligenciados após a abolição*", (Azevedo, 1987).. Esses séculos de escravidão - associados à destruição da cultura, da religião e da língua do povo africano e seus descendentes, bem

* Aluna do Programa de Mestrado em Educação - UFPI e Prof. da rede municipal de ensino.

como a situação sócio econômica à qual foi relegada a população negra brasileira por todos esses anos - provocaram graves distorções no auto conceito, na auto aceitação e por conseguinte na identidade desse povo.

Vistos como uma raça inferior, e tendo sido transformado em subcultura tudo o que vem da civilização africana, a população negra e mestiça no Brasil tem procurado, ao longo dos anos, todas as formas de fugir das suas origens e dos estereótipos negativos a ela relacionados. Negando-se, procura "afirmar-se" dentro da concepção de "democracia racial" aproximando-se o máximo do que Clóvis Moura (1994: p.157), chama de *idealtipo*, ou seja, o padrão étnico e cultural da raça branca.

Incluída nesse contexto, a escola, um dos mais importantes instrumentos de transmissão da ideologia e da cultura dominantes, tem assumido uma postura acrítica e alienante frente a essa realidade, à medida que exclui dos currículos escolares a história do povo negro, idealiza um padrão de indivíduo centrado no estereótipo da cultura branca, folcloriza a cultura e as religiões africanas e, principalmente, quando silencia ante as manifestações discriminatórias presente em seu próprio meio. Conforme Luís Gonçalves, *"a escola não considera o direito dos alunos negros de se reconhecerem a partir de sua diferença, de sua particularidade étnica"*. Ao idealizar um padrão de indivíduo tipicamente branco, a escola contribui para uma maior negação e distanciamento, por parte das crianças negras, de sua identidade afro descendente ajudando a perpetuar o racismo e a discriminação.

Recorremos ao conceito de racismo de Henrique Cunha para um melhor entendimento do raciocínio aqui desenvolvido.

" Racismos são formas de dominação criminosas, violentas tal como o escravismo, baseadas nas diferenças étnicas. São criadoras de estruturas simbólicas e de ações responsáveis pela exclusão dos direito da cidadania de um grupo social. Os sistemas de dominação racistas combinam violências psicológicas com violência cultural e física. Cristalizando formas de desprezo social pelas etnias racisadas², produzem exclusões da competição no mercado de trabalho e quebram sistematicamente os direitos universais. Os racismos matam, aniquilam destroem a memória possível dos aniquilados"(1995: 2).

² aquelas que são vítimas de racismo

Vale ressaltar que não é com discurso ou expressões claras que o racismo brasileiro se apresenta, mas de forma "implícita, sutil, que perpassa invade e se dilui na sociedade brasileira" (Azevedo, 1987), e que "*com suas táticas e estratégias tem obtido resultado altamente eficiente*" (Moura, p.160). De acordo com Cunha Jr. não há uma exaltação explícita da superioridade raça branca e européia, mas sim uma sub elevação, uma negativização da raça negra.

A escola tem ajudado a transformar em "verdades" inquestionáveis conceitos, padrões e valores discriminatórios. Faz-se necessário introduzir nela idéias e questionamentos que faça o confronto com essas "verdades" estabelecidas, provocando situações que leve à reflexão, ao debate e à troca de experiências, visando alterar o quadro exposto.

Não obstante, mesmo que se considere a escola uma agência de transmissão da ideologia dominante, cremos ser também possível, a partir dela, questionarmos esses valores na perspectiva de construirmos um referencial étno-cultural no qual a criança negra possa se identificar sem fuga ou vergonha de sua ancestralidade.

Como assinala Libâneo: "*se a escola é parte integrante do todo social, agir dentro dela é também agir no rumo da transformação da sociedade ...proporcionando ao aluno elementos de análise crítica que o ajudem a superar os estereótipos e as pressões difusas da ideologia dominante*" (1990: 39-40).

Partindo desse entendimento, acreditamos que a escola não tem apenas o papel conservador e reproduzidor do *status quo*, mas também pode transformar-se em um espaço de elaboração de *contra ideologias*, num veículo de conscientização e de preparação das classes dominadas para fazer frente à sua exploração. Como diz Dayrell, "*um espaço sócio cultural, ordenado em dupla dimensão...onde os sujeitos não são apenas agentes passivos...ao contrário, trata-se de uma relação em contínua construção, de conflito e de negociações*", e que a cada instante se dá "*a reprodução do velho e as possibilidades de construção do novo*" (199: 137).

Considerando ainda que a escola não é a única responsável pela carga de preconceito que penaliza a criança negra, esta deve ir buscar no contexto histórico- social os razões que levam a essa situação desfavorável, possibilitando ao educando compreender os motivos dessa realidade e reagir contra ela.

As novas orientações contidas nos PCNs traz uma contribuição importante no que se refere à questão da pluralidade cultural criando assim uma boa oportunidade para a comunidade escolar colocar em pauta esta discussão que historicamente tem sido escamoteada.

É preciso, sobretudo, que o debate alcance a amplitude necessária para atingir grandes parcelas da população e que tenha uma constância maior, não se restringindo a dias "especiais" como o 13 de Maio ou 20 de Novembro por exemplo.

Ainda com relação aos PCNs, observa-se que a ênfase maior é direcionada para as questões que se referem às diversidades étnicas e culturais deixando para um segundo plano a discussão sobre as diferenças de raça e cor, questões essas tão mal resolvidas pela sociedade brasileira.

O reconhecimento das diferentes origens raciais brasileiras e da existência de discriminação e de desigualdades entre elas, é um passo importante rumo à superação dessa realidade que subjulga e massacra essa parcela da população. A democracia exige, pois, o reconhecimento das diferenças para que se possa trabalhar em uma perspectiva de equidade, ou seja, igualdade na diversidade. Exige garantias de acesso aos bens materiais e ao capital cultural, imprescindíveis para uma relação de igualdade.

Um exemplo claro da resistência da sociedade brasileira em assumir o racismo que tão fortemente lhe é introjetado, é a afirmação de que não existe preconceito de raça, e sim de classe, isto é, o preconceito é contra o pobre e não contra o negro. De uma certo modo, é difícil separar, na nossa sociedade, esses dois tipos de preconceitos, visto que a grande maioria da população negra continua relegada à pobreza, e muitos à miséria extrema. No entanto essa afirmativa não se sustenta a não ser como acobertadora da realidade, pois mesmo os negros que conseguem ascender socialmente carregam, por toda vida, o estigma da cor da pele como pré-requisito que o coloca em posição inferior aos brancos, da mesma classe social.

Faz-se necessário registrar, ainda, que toda e qualquer forma de discriminação deve ser repudiada. Seja de raça, cor, sexo, classe social etc., princípio este que deve nortear a escola com vistas a transformá-la em um espaço de edificação de *contra-ideologias*, a partir da desconstrução e do desmonte das ideologias discriminadoras racista, e dominantes, contribuindo para avançar rumo à uma sociedade mais democrática e igualitária.

Diante do exposto, entendemos que não cabe mais a discussão sobre a existência ou não de racismo no Brasil ou mais especificamente na escola, os fatos falam por si. Lucimar Dias Rocha em seu trabalho sobre a diversidade étnica na educação infantil diz que "*pesquisa nos libera para novos trabalhos que não mais perguntam se existe preconceito raciais na escola. Podemos, agora, partir dessa premissa para outras investigações a fim de avançarmos nessa discussão*" (p.39).

Cabe pois, a nós: pais professores, pesquisadores e estudiosos, especialmente os de origem negra, a responsabilidade de assumir esta

polêmica objetivando a uma verdadeira democratização da escola onde as crianças não brancas, e especialmente as negras, possam sentir-se igualmente cidadãs brasileiras, respeitadas e valorizadas vivendo numa "sociedade sem vergonha de uma cidadania colorida pela plurirraciedade, multiculturalidade, multiétnica, e diversidade em outros critérios essenciais... características que denotam a chamada brasilidade" (Boakari, 1999: 29).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA

- AZEVEDO, Eliane. Raça conceito e preconceito. São Paulo. Ática, 1997.
- BOAKARI, Francis Musa. Limites de uma Pedagogia interétnica (mimeografado), Teresina. 1999.
- In; CADERNO DE PESQUISA (Fundação Carlos Chagas) nº 63. 1987
- CRUZ, Manoel. Alternativa para combater o racismo: segundo a pedagogia interétnica. Cortez. São Paulo. 1989.
- CUNHA Jr, Henrique. As Estratégias de Combate ao Racismo. Texto apresentado no Seminário Nacional, Universidade de São Paulo - USP. S.P 1995.
- Afrodescendência, Pluriculturalismo e Educação.
Pátio, ano 2, nº 6 Ago/out. 1998.
- DAYREL, Juarez org.) Múltiplos olhares sobre educação e cultura. Belo Horizonte. UFMG.
- FERNANDES, Florestan. A integração do negro na sociedade de classe. São Paulo. Dominus, 1965.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1983.
- GRAMSCI, Antonio. Os intelectuais e a organização da cultura. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira. 1988.
- LIBÃNEO, José Carlos. Democratização da escola pública. A pedagogia crítico-social dos conteúdos. São Paulo. Ed. Loyola, 1980.
- MOURA, Clovis. Dialética radical do Brasil negro. São Paulo. Anita, 1994.
- IN; NOVA ESCOLA (revista). Ano VIII. Nº 71. São Paulo . Fundação Victo Civita.

OLIVEIR, Ivone Martins. Identidade e interação na sala de aula: preconceito e auto-conceito: Identidade e interação na sala de aula. São Paulo. Papyrus, 1994.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: Pluralidade cultural, orientação sexual - Secretaria de Ensino Fundamental - Brasília: MEC / SEF, 1997.

RIBEIRO, Darcy. O povo brasileiro: A formação e o sentido do Brasil. São Paulo. Schwarcz, 1995.

ROCHA, Lucimar Dias. Diversidade étnico-racial e educação infantil. Três escola, uma questão, muitas respostas. Dissertação de Mestrado. Campo Grande - MS. Universidade Feral do Mato Grosso do Sul / CCHS. 1997.

SANTOS , Rafael. Movimento social educação e questões do cotidiano dentro das relações raciais na sociedade brasileira. Um estudo de caso: O trabalho do grupo cultural Afro Reggae. Rio de Janeiro. Universidade Feral Fluminense - Faculdade de Educação, 1996.